**ÉTICA PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA**

O pensamento de Foucault sobre ética não está sistematizado, mas pode ser deduzido a partir do conjunto de suas ideias. Seu pensamento sobre a ética desponta de três análises: dos códigos de conduta, dos modos de subjetivação dos indivíduos e da ação para o indivíduo se construir como sujeito moral. Essas análises brotaram de seus estudos sobre a liberdade, o controle disciplinar, a história dos indivíduos e os cuidados consigo mesmo.

A ética em Foucault tem sido referida como ética da existência. Seu foco de investigação foi direcionado para os mecanismos pelos quais os indivíduos assumem sua condição de e sua construção como sujeitos morais, produzindo conhecimento de si mesmos. Sua estratégia de análise explora a história dos diversos modos *(mecanismos)* como os indivíduos se constituem como sujeitos, contrapondo-os à predominância dos modos de agir criados pela sociedade *(impostos como se fossem leis)*.

As sociedades criam modos de agir, significados, e atividades para os indivíduos. Estes, por sua vez, criam igualmente modos de agir sobre seus corpos, seus pensamentos e seus comportamentos *(construindo sua identidade no exercício do ser sujeito)*. Agindo em busca da liberdade, os indivíduos julgam, apreciam e modificam os modos prescritos pela sociedade para a sua ação *(exercendo sua liberdade)*. O Bem *(como critério de conduta)* não está em alguma condição transcendental, como propõem outros filósofos, mas emerge da continua relação do indivíduo consigo mesmo na qual ele se constitui como sujeito de seus próprios atos *(cultura de si)*.

Assim, diante dos mecanismos de sua própria construção como sujeito, a conduta ética não consiste na conformidade aos códigos e normas existentes, mas no conjunto de práticas do “eu” *(em relação à satisfação de seus desejos)*. Através dessas práticas, o indivíduo aprende a se conhecer e a cuidar de si mesmo. Nesse aprendizado, o indivíduo adquire “virtudes”, sendo guiado por elas. Uma dessas virtudes é a coragem da verdade.

Nessa racionalidade, Foucault não reconhece algum imperativo moral absoluto dentro da consciência, criticando o parâmetro tradicional de transcendências e de leis criadas para regular a conduta moral dos indivíduos. Assim, o ethos *(a identidade)* pessoal não é uma condição definitiva, mas constituída pela reflexão sobre os diferentes modos que o indivíduo desenvolve para conhecer a si mesmo, suas relações consigo mesmo e a decifração de seus modos de subjetivação que alicerçam as transformações que ele procura efetuar sobre si mesmo e em sua busca de liberdade.

“Por isso, para se constituir como sujeito moral, importará ao indivíduo sua forma de agir, através de seus atos, o modo como ele reage às regras de conduta, isto é, sua forma de responder às exigências da moral” através de suas práticas pessoais. O foco de análise da ética se volta para o modo como o indivíduo problematiza os códigos e preconceitos *(criticando sua própria história enquanto sujeito de desejos)*.

Nessa visão, Foucault critica o modo como a sociedade tem sido governada, através de diversos aparatos *(reguladores da saúde, da educação e das condutas)*. “Que normas seguir para viver bem, senão conduzir sua vida sendo seu próprio juiz”. Assim a ética consiste na busca e no exercício da autonomia e da liberdade *(na existência em sociedade)* e não na conformidade a leis e códigos.

Assim, a moral emerge na sociedade como os conjuntos de códigos prescritivos de regulagem dos comportamentos e “igualmente, como o comportamento real dos indivíduos em relação à essas regras e valores que lhes são impostos”. Eles podem se submeter, ou resistir *(à moralização de seus comportamentos)*. O Foucault explica essas práticas na relação entre os códigos e a os comportamentos, na qual o indivíduo estará sempre ativo construindo sua condição de sujeito moral. Por esses motivos, nada pode ser mais arrogante do que criar leis para o outros.

“Por definição, meu modo de eu não mais ser eu mesmo, é a parte mais singular daquilo que sou” *(de minha identidade)*. Daí a ação de produzir as próprias práticas é a condição se tornar sujeito. Sua reflexão diferencia a ética entendida como seguir leis e como criação das práticas em diversas situações. Por esse motivo, práticas criadas nas revoluções expõem erros como a exigência de fidelidade *(que impede o indivíduo de pensar)*. Ninguém pode impedir o outro de pensar e, portanto, impedi-lo de mudar quem ele é e quem deseja ser. Pensar e assumir sua reflexão exige coragem política, regulagem de si mesmo e do discurso. Ser ético é assumir-se a partir do próprio pensamento para mergulhar na mobilização de si mesmo em busca de liberdade.

Nesse raciocínio, Foucault critica os partidos políticos, instituições e grupos que impõem identidades, fidelidade e “imutabilidade”. Resistindo a tais imposições, o indivíduo se sente mais si próprio e mais seguro. Pensar é o mecanismo de enfrentamento do risco de se perceber como um ponto fixo. Sob imposições dos códigos, os indivíduos são levados a pensar que o tempo é destinado a passar (*fuir)* e que o pensamento destinado a parar *(quando dispõe da verdade)*. No entanto, o tempo permanece *(demeure)* e a verdade movimenta *(bouge)*.

A rejeição a formas vazias de mudança (*de revolução)* distancia o indivíduo do conservadorismo. Esse distanciamento é a busca da liberdade e da vida. Nele, o indivíduo aprende “a prestar atenção aos momentos sutis, secretos e decisivos nos quais as evidências se perdem, facilmente. Atento, ele aprende a explorar as oportunidades. amiude, tomamos consciência dessas oportunidades depois que eles já passaram.

Os indivíduos podem sofrer pressão para a sua submissão à universalização da economia e das estratégias políticas, porém jamais podem ser submissos à universalização da própria consciência. Sem esta consciência, as revoluções são movimentos vazios *(porque imobilizam o indivíduo)*. Nunca o indivíduo pode se deixar adormecer diante dos sinais que emergem de seus pensamentos e de sua consciência. Esse olhar de longe e ao redor de si alimenta a força do sujeito moral.

Nessa sistematização, a ética desponta como o cuidado de si na prática de liberdade, construída na relação do indivíduo consigo mesmo que o faz resistir à dominação dos códigos e de suas paixões; Tal compreensão leva à desconfiança das demandas da moral transcendental e coloca a subjetivação como elemento crítico para a formação do sujeito moral e de sua autonomia. Por que o cuidado consigo mesmo é o alicerce da Ética? Quais os desdobramentos do pensamento de Foucault na ética profissional do psicólogo?